



## PLANEJAMENTO, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: DIÁLOGO COM PROFESSORES

Eixo-temático: Profissão Docente e Formação de Professores

Débora Araújo do Nascimento

[debora10-araujo@hotmail.com](mailto:debora10-araujo@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo é resultado da atividade prática da disciplina Planejamento, Currículo e Avaliação ofertada no 5º período do Curso de Pedagogia Licenciatura da UFAL – *Campus Arapiraca*. Objetivou-se investigar qual a concepção de Planejamento, Currículo e Avaliação defendida por professores da educação básica, no ensino público. Tratou-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, sendo utilizados como instrumentos para coleta dos dados entrevistas semi-estruturadas, a partir de uma roda de conversa com professores. Considerando-se que a escola de Educação Básica é um espaço privilegiado de formação para os futuros professores, faz-se necessário que oportunizem-se meios para que os alunos licenciandos conheçam a forma como a escola está organizada, os desafios enfrentados pelos profissionais do ensino no cotidiano, bem como as possibilidades de resolução de problemas apresentados. Neste artigo são apresentados alguns resultados da pesquisa, tais como: qual a concepção que os entrevistados têm de planejamento e o valor que lhe atribuem, como acontece o planejamento curricular na escola em que ocorreu a pesquisa, quais os critérios considerados na hora de planejar, alguns métodos e técnicas adotados na realização das aulas, qual concepção de currículo têm os entrevistados e qual tipo de currículo adotado pela instituição, quais instrumentos utilizados para a avaliação dos alunos e que concepção este têm de avaliação.

**Palavras-chave:** Avaliação. Currículo. Planejamento.

### 1 – INTRODUÇÃO

Este artigo é resultante de atividades práticas desenvolvidas em escolas públicas municipais, proposta na Disciplina Planejamento, Currículo e Avaliação visando investigar a



concepção destes conceitos na prática pedagógica de professores da Educação Básica. Assim, o presente artigo apresenta alguns conceitos estudados bem como os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada.

Tratou-se de uma, pesquisa qualitativa pois visou-se compreender a concepção dos professores sobre Planejamento, Currículo e Avaliação. Elegeu-se como *locus* de nossa pesquisa a Escola de Ensino Fundamental Divaldo Suruagy, situada na cidade de Arapiraca – AL. A coleta dos dados deu-se a partir de uma roda de conversa com os professores sistematizada em entrevistas semi-estruturadas a qual depois foi transcrita e analisada à luz de alguns teóricos e estudiosos da temática pesquisada.

A pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Divaldo Suruagy, com a colaboração de uma professora da disciplina de português e um estagiário da disciplina de matemática. A Escola funciona apenas nos horários manhã e tarde, contando com o total de trezentos e onze alunos matriculados no turno matutino, onde funciona a modalidade: Ensino Fundamental II. No turno vespertino o total de alunos matriculados é duzentos e sessenta e sete e funcionam as modalidades: Ensino Fundamental I e II. Formando um total geral de quinhentos e setenta e oito alunos matriculados nos dois turnos. A escola ainda conta no quantitativo de professores, com vinte e nove professores efetivos, seis contratados, um readaptado e um de licença (até a data da entrevista) e apenas um coordenador pedagógico que atua nos dois horários.

Não houve empecilho por parte da gestão escolar para a execução da pesquisa, a proposta foi apresentada e visivelmente muito bem aceita, no entanto, a dificuldade deu-se na hora de reunir os professores para a roda de conversa, pois, contava-se com a presença de quatro professores, porém, no dia/hora marcados somente compareceu uma professora efetiva que trabalha na rede municipal e estadual com a disciplina de Língua Portuguesa e um estagiário estudante do curso de Matemática na UFAL – Campus Arapiraca. Apesar do grupo focal mínimo foi possível coletar dados importantes para a pesquisa prevista.

## **2 – CONCEPÇÕES SOBRE PLANEJAMENTO, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO**



Segundo Piletti (2010), “planejar é estudar”, pois trata-se de uma atitude metódica e reflexiva imprescindível na prática docente, em que é necessário “assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema”. Na área da educação existem alguns tipos de planejamento, são eles: Planejamento educacional, o qual abrange todo o sistema de ensino; Planejamento Curricular, o qual baseia-se nas guias curriculares oficiais e o Planejamento de ensino que compõe uma das temáticas de nossa pesquisa. São componentes básicos do planejamento de ensino: objetivos, conteúdos, procedimentos (metodologia) e recursos de ensino.

O planejamento é uma necessidade em todos os âmbitos da atividade humana, conforme afirmou a professora de português entrevistada, “tudo que se faz precisa de um planejamento, você pega o seu salário, você precisa planejar o que você vai fazer com aquele salário para que você não fique em débito com você mesmo”. Assim, da mesma forma como afirmou a professora de português, o professor precisa planejar as aulas para que não fique em débito nem com seu trabalho, nem com sua turma. É evidente que às vezes a conta não fecha, mas é preciso que ela não fique com um saldo tão negativo.

Embora no cotidiano de muitas escolas prevaleça a tendência tecnicista na hora de planejar, o planejamento não se limita a uma atividade mecânica, em que se preenchem formulários e que na maioria das vezes são na verdade, copiados. Este deve ser uma reflexão minuciosa do trabalho pedagógico. Conforme afirma Fusari (1990), “o planejamento deve ser concebido, assumido e vivenciado no cotidiano da prática social docente, como um processo de reflexão”, mas uma reflexão articulada, crítica e rigorosa. Conforme sugere Savianni (1987, p. 24) apud Fusari (1990), para que a reflexão seja qualificada como filosófica, ela necessita preencher os seguintes requisitos: radical, pois deve-se buscar a raiz do problema, isto é, não só se deter a identificar um problemas mas também investigar suas causas; rigoroso, pois deve-se fazer uso do método científico; e de conjunto, pois deve considerar a totalidade do fenômeno.

Conforme afirmaram-nos os entrevistados, a importância do planejamento se dá em função da segurança que este proporciona ao professor. Pois embora muitos professores ainda confiem no “improviso”, esta não é a melhor alternativa a se tomar. Sobre isto a professora afirma que ainda com o planejamento é possível que os objetivos não sejam alcançados, e



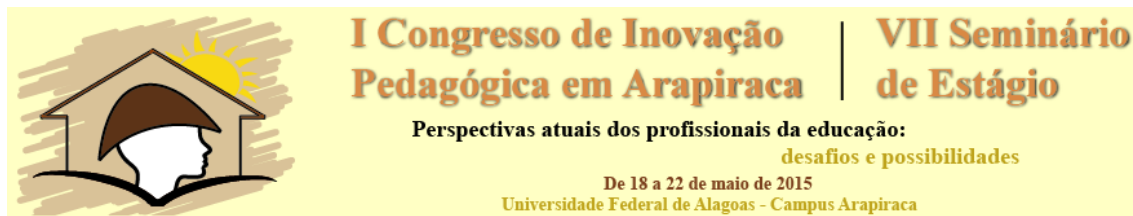
quando o planejamento não é feito, então, as dificuldades de alcançar determinados objetivos ganharão maiores proporções.

Ainda, outra contribuição que o professor tem ao planejar, segundo o que foi citado na roda de conversa, é a possibilidade de reformulação. Pois ao planejar, como o professor já tem o conhecimento antecipado de tudo o que irá acontecer em determinada aula, se ocorrer algum imprevisto, este será mais fácil de resolver.

O Planejamento deve ser uma prática contínua, já que, cada turma tem uma realidade diferente. Conforme afirmou a professora: “o conteúdo pode ser o mesmo, mas a forma de você trabalhar nunca é a mesma, mas isso é que é o bacana de dar aula, é porque no fundo não tem a mesmice, você lida com pessoas, as pessoas não são as mesmas.” Portanto, esta professora mencionou um dos princípios do planejamento, “o conhecimento da realidade”, a necessidade que há em saber para quem se vai planejar fazer a sondagem e a partir desses dados elaborar um diagnóstico que será o fator determinante do planejamento.

Segundo os professores entrevistados para um bom planejamento, é necessário em primeiro lugar traçar a finalidade, que são os objetivos que se pretende alcançar, bem como ter o conhecimento da realidade, o que inclui conhecer o aluno e o ambiente escolar como um todo, incluindo os recursos que estarão disponíveis ou não, sendo também flexível para possíveis reajustamentos. Assim, para definir objetivos e pensar nos procedimentos de ensino, recursos é preciso uma atitude criteriosa e reflexiva no momento do planejamento. O conhecimento dos conteúdos também foi um dos critérios citados, pois este conhecimento facilita a seleção e organização dos conteúdos na hora do planejamento.

A grande dificuldade mencionada foi a falta de tempo, conforme isto a professora afirmou: “às vezes não dá tempo pra gente fazer aquela coisa com rigor, não vou mentir...” apesar dessa afirmação, mostrou-se consciente da importância do planejamento e comentou que mesmo diante de tantas ocupações, o planejamento é necessário justamente para organizar estas tantas atividades, e mencionou que o município tomou uma medida de redução de carga horária que está contribuindo para isto, este tempo necessário para o planejamento. Assim, a dificuldade mencionada não cabe mais nesse contexto.



Foi mencionado a importância do planejamento coletivo e articulado, pois dessa forma é possível que os professores trabalhem em conjunto, já que, na verdade, o trabalho do professor não é um trabalho isolado dos demais, é comum que na prática docente se compartilhem alunos. Assim, quando os planejamentos são coletivos, torna-se mais possível conhecer as realidades das outras turmas e estar melhor preparado no caso de ocorrer uma possível mudança.

Segundo foi apontado, a Secretaria de Educação realizava planejamentos coletivos, que ocorriam uma vez por mês, geralmente na segunda segunda-feira do mês em que as escolas municipais de Arapiraca se reuniam para refletiram sobre os avanços e recuos apresentados pela escola e prevê alternativas e soluções. No entanto, estas reuniões ocorriam de forma fragmentada segundo nos relatou a professora entrevistada. Pois nessas reuniões a perspectiva era que ocorresse uma discussão ampla sobre as escolas municipais, no entanto, o que acontecia era, “desabafo de escola”. Mencionou ainda que considerava mais favorável o planejamento ocorrido na escola, já que, se discutiam a realidade e as necessidades locais da própria escola.

O planejamento coletivo na escola ocorre sempre a partir do início do ano, em que ocorre a semana pedagógica, onde são planejados os projetos que serão inseridos durante o ano, os conteúdos que serão trabalhados, sempre em consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Mensalmente a cada etapa, há novamente planejamento coletivo para que sejam avaliados e discutidos as metas que foram alcançadas e as que precisam ser alcançadas, bem como projetos de intervenção quando necessário, o que ocorreu no corrente ano<sup>1</sup> com uma turma de 6º ano, em que os alunos tiveram aulas direcionadas a alguns conteúdos básicos frente à necessidade da turma.

Inicialmente faz-se um planejamento anual, selecionando e organizando os conteúdos que serão vistos no decorrer das etapas. No entanto, esse planejamento é flexível, podendo sofrer alguns reajustes no decorrer do ano, em função da necessidade da turma. Dessa forma, o planejamento e o currículo são contínuos, pois estão sempre atrelados a prática educativa.

---

<sup>1</sup> O ano em que a Pesquisa aconteceu: 2014.



Segundo Luckesi (2012), “A sequência de mediações de PPP, currículo, planejamento de ensino configura os contornos da prática avaliativa”. Portanto, planejamento, currículo e avaliação são práticas educativas que estão interligadas no mesmo processo.

A professora de português afirmou que trabalha sob uma perspectiva mista (tradicional/progressista). Entretanto, mostrou-se consciente de que o aluno deve ser o centro do processo ensino-aprendizagem e que o conhecimento prévio do aluno deve ser considerado não devendo assim, ser tratado como um “depósito”. Sobre isto afirma Paulo Freire (1996) ao defender que não há docência sem discência: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Já o estagiário da disciplina de matemática, afirmou não ser possível trabalhar sob uma perspectiva construtivista ou progressista, sobre isto ele afirmou: “não tem como fugir muito daquela parte mais tradicional, porque para aprender matemática tem que ter resolução de exercício”. Assim, observou-se certa resistência ao método progressista\* apesar de este ser sugerido pela legislação educacional, os métodos e as técnicas adotados na prática escolar permanecem sob a perspectiva tradicional, pois, de acordo com as falas dos entrevistados o método tradicional ainda ocupa um espaço relevante nos procedimentos de ensino.

Segundo Piletti (2010) “os recursos de ensino são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem à estimulação para o aluno”, razão pela qual são indiscutivelmente importantes e necessários no cotidiano das aulas. Foi afirmado na entrevista que o livro didático é um recurso ainda muito utilizado bem como os exercícios. Segundo a professora de português, outros recursos que podem ser incorporados nas aulas de português são: dicionários, mídias, livros, jornal. A escola dispõe desses materiais sempre que possível, quando não, vê-se outra forma de suprir esta carência.

A escola trabalha também com Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID<sup>2</sup> o qual confeccionam materiais para as intervenções, o que também tem

---

<sup>2</sup> O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é um Programa do Ministério da Educação gerenciado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que visa o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. Uma das principais características deste Programa é o trabalho coletivo, que conta com a participação de coordenadores, supervisores e bolsistas, o que



contribuído bastante com estes recursos. A professora ainda enfatizou que o importante para trabalhar com diferentes recursos é a criatividade para trabalhar com o que se tem, a fim de aproximar o conteúdo à realidade do aluno, sobre isto esta afirmou “eu já trabalhei em determinados momentos até com papel de big big, porque eu sabia que o negócio ia surtir efeito”.

Conforme foi admitido, o que não pode faltar em um currículo é a meta, planejamento, conhecimento, e a técnica. O currículo adotado na escola onde ocorreu a entrevista, segundo os professores, é o currículo aberto, pois se trata de um currículo flexível e sujeito a mudanças. O que não é comum nas escolas privadas, como afirma a professora de português, “tinha coisas que eu fazia aqui na escola pública que se eu fosse fazer lá na escola particular, eles achavam que eu tava enrolando a aula”, segundo ela porque as escolas privadas em sua maioria são conteudistas e trabalham na perspectiva de um currículo fechado.

Para ilustrar esta afirmação, a professora citou uma situação prática que vivenciou quando trabalhava em uma escola privada. A atividade havia sido uma produção textual e a professora resolveu realizar as correções no quadro junto aos alunos, e então o dono da escola não compreendeu e opôs-se, por ser um trabalho que exigiria bastante tempo e dedicação. Possivelmente se este dono conhecesse o que pensa Luckesi acerca da avaliação participativa em que o professor discute com os alunos o estado de aprendizagem que eles atingiram, não teria agido dessa forma.

Segundo os professores entrevistados, é possível adaptar as guias curriculares à realidade da escola, já que, a LDB 9394/96 prevê uma maior autonomia às escolas com a gestão democrática. No entanto, foram mencionadas algumas dificuldades tais como, a carga horária de disciplinas que são deficientes, contribuindo para a defasagem do ensino público, bem como o desvio de verbas.

---

proporciona uma “troca de saberes” bastante significativa para a formação dos licenciandos, bem como na formação continuada de coordenadores (professor da Instituição de Nível Superior que coordena o PIBID) e supervisores (professor da Escola onde é desenvolvido o Programa). Fonte: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>> Acesso em 21 Abr 2015.



Sobre a avaliação, Haidt (1995) afirma que “seria ingênuo pensar que a avaliação é apenas um processo técnico. Ela é também uma questão política. Avaliar pode se constituir num exercício autoritário do poder de julgar ou ao contrário, pode se constituir num processo e num projeto em que o avaliador e avaliando buscam e sofrem uma mudança qualitativa”. Dessa forma, para que a avaliação seja de fato democrática é preciso o professor considere-a como o resultado de sua própria prática docente.

A avaliação nesta escola não se utiliza somente da prova escrita como instrumento. Entre os instrumentos de avaliação citados, estão: os projetos, os exercícios, debates que são feitos na sala de aula, seminários, gincanas, inclusive até o momento da entrevista estava sendo realizada uma “gincana de conhecimentos” sendo realizada por etapas, no qual todas as disciplinas estão inseridas de alguma forma na tentativa de promover uma interdisciplinaridade.

Para que a avaliação alcance seus objetivos e metas precisa ser pensada e planejada antecipadamente. Como também o currículo. Mas tanto currículo quanto o planejamento precisam ser flexíveis, já que, estão totalmente atrelados à prática e possivelmente precisarão de alguns reajustes no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

Avaliar não é só quantificar e medir, embora esta tendência tecnicista ainda predomine nos instrumentos avaliativos. A avaliação traduz a concepção teórica da sociedade liberal conservadora, um “modelo social nascido da estratificação dos empreendimentos transformadores que culminaram na Revolução Francesa” (FUSARI, 2011, p. 77). Assim, está embutida na avaliação alguns valores resultantes deste contexto social, tais como: competição, classificação e exclusão.

A prova ou o exame, instrumento avaliativo ainda muito presente no cotidiano escolar, que evidencia fortemente estes valores pois apenas serve para identificar o que o aluno não sabe, ou não aprendeu, enfatizando o “erro”. No entanto, a avaliação no processo ensino-aprendizagem é também uma autoavaliação do próprio professor, pois reflete o resultado de seu trabalho.

Atualmente as práticas avaliativas no âmbito escolar ainda têm se restringido a classificação em detrimento do diagnóstico. A avaliação como juízo de valor concede ao





professor uma “autoridade pedagógica” para a tomada de decisão, no entanto, esta decisão se limita a uma classificação excludente que transforma conceitos em números.

Luckesi (2011) se opõe ao professor que faz uso da avaliação autoritária como meio de intimidar os alunos, segundo ele, não existe neutralidade na hora de avaliar, sobre isto, afirma: “Vale a gana autoritária do professor que, com isso, pode aprovar incompetentes e reprovar competentes [...] A avaliação aqui, ganha os foros do direito de premiar ou castigar dentro do ritual pedagógico” (LUCKESI, 2011, p. 88). Dessa forma, Luckesi defende a avaliação diagnóstica para a democratização do ensino. Trata-se de um instrumento que visa compreender em que estágio de aprendizagem se encontra o aluno baseada numa concepção progressista, que funciona como instrumento auxiliar da aprendizagem e não de aprovação ou reprovação, neste, o aluno tem direito de descobrir e discutir junto ao professor o estágio de aprendizagem em que se encontra.

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos na presente pesquisa, realizada com professores da rede municipal. Notou-se que há conhecimentos conceituais e atitudinais do que é Planejamento, Currículo e Avaliação. Não foi demonstrado nenhum tipo de aversão ao exercício de planejamento, apenas algumas limitações foram mencionadas e entre elas “a falta de tempo”, embora, o município de Arapiraca já esteja tomando medidas de redução de carga horária, este discurso ainda permanece que se traduz na verdade, na “falta de hábito”, em uma das falas na roda de conversa isto fica claro: “parece que o planejamento caiu no esquecimento”, ou seja, vem sendo posto em segundo plano, como algo não muito importante.

O planejamento contínuo e flexível é defendido e trabalhado pela escola em que desenvolveu-se a pesquisa. É relevante a importância da rotina que se tem nesta escola em realizar planejamentos coletivos ao longo de todo o ano, sempre buscando verificar os limites encontrados e possíveis soluções para estes, bem como os avanços alcançados. Nesse aspecto a escola torna-se exemplo de que é possível trabalhar com o planejamento contínuo e flexível.



Sobre os procedimentos de ensino e os recursos utilizados nas aulas, percebeu-se que a prática dos professores são bastante distintas, no entanto, a perspectiva tradicional ainda permanece ainda que timidamente. O currículo e o planejamento são flexíveis possibilitando possíveis modificações que contribuam para uma melhor adequação à realidade prática da escola.

A respeito das guias curriculares, não foram mencionadas dificuldades significativas na adaptação à realidade da escola, pois, a descentralização no âmbito da política educacional, favoreceu estas possíveis adaptações curriculares, concedendo maior autonomia às escolas, o que é considerado um grande avanço para a educação brasileira.

Mencionou-se a disparidade entre público e privado no que diz respeito ao currículo aberto e fechado. Nas escolas públicas, o currículo aberto é mais aceito que nas escolas privadas, onde existe ainda muita resistência. Sobre isto a professora entrevistada mencionou: “eles são muito conteudistas”. Dessa forma, nota-se os impactos da sociedade capitalista na educação, que visa sempre padronizar até mesmo o conhecimento.

A avaliação escolar na escola onde realizou-se a pesquisa, se utiliza de vários e diversificados instrumentos, o que favorece a democratização da avaliação da aprendizagem. Segundo Luckesi (2011), há duas formas antagônicas de avaliação, “os exames, com suas características classificatórias, excludentes e antidemocráticas, que eram hegemônicas na escola há mais de trezentos anos e, de outro, a avaliação da aprendizagem como uma proposta emergente, com as características de diagnóstica, inclusiva, socializante”, esta última que a escola onde realizou-se esta pesquisa busca seguir, embora, de acordo com os entrevistados os instrumentos classificatórios ainda estejam presentes na prática pedagógica.

#### 4 - REFERÊNCIAS

FUSARI, José Cerchi. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas**. Idéias, São Paulo, n. 8, p. 44-59, 1990.

Haidt, Regina Célia Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. In: Haidt, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995.



LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e Proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Carlos Cipriano. Avaliação da aprendizagem na escola. In: LIBÂNEO, José Carlos (Orgs.). **Temas de Pedagogia: Diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 24 ed. São Paulo: Ática, 2010.

RODRIGUES, Thamisa Sejanny de Andrade. FREITAS, Ana MARIA Gonçalves Bueno. **Planejamento Educacional no Brasil: Análises sobre o Plano Nacional de Educação, O Plano de Desenvolvimento da Educação e o Plano de Ações Articuladas**. In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, João Pessoa. Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5 Universidade Federal da Paraíba.